

Pesquisa em Debate

O ALFABETO ARMÊNIO: CULTURA E RELIGIÃO

THE ARMENIAN ALPHABET: CULTURE AND RELIGION

Lincoln Etchebèhére Junior

Doutor em História pela USP e professor da Universidade São Marcos

Thiago Pereira de Souza Lepinski

Mestre pelo Programa Interdisciplinar da Universidade São Marcos

Resumo

Os armênios lutaram contra invasores no decorrer de sua história, resistindo a eles bélica ou passivamente, e, dessa forma, conseguindo sobreviver. Para salvaguardar sua identidade nacional, isto é, a *armenidade*, além da sua fé cristã, os armênios elaboraram um *alfabeto nacional*, arma poderosíssima contra seus opressores.

Palavras-chave: armênios; armenidade; cristianismo; alfabeto; identidade nacional.

Abstract

Armenians fought against the invaders throughout its history, resisting them warlike or passively, and thus to survive. To safeguard its national identity, ie, Armenia, in addition to their Christian faith, the Armenians developed a national alphabet, powerful weapon against their oppressors.

Key words: Armenians; Armenia; Christianity; alphabet; national identity.

Introdução

A Armênia na Antigüidade estendia-se pelo alto do planalto sul do Cáucaso e parte oriental da Anatólia, ou, mais precisamente, era um vasto reino entre o mar Cáspio, a leste, tendo a oeste o mar Negro, A Geórgia ao norte, indo até a Mesopotâmia, a Síria e o Azerbaijã persa ao sul¹.

Os rios Araxes, Eufrates e Tigre, que circundavam o Paraíso Terrestre ou *Jardim do Éden*, têm suas nascentes nas montanhas da Armênia. O relevo montanhoso influenciou na formação das chamadas *Grande-Armênia*, *Pequena-Armênia* e *Cilícia*. O referencial do povo armênio é o Monte Ararat ou *Menz Massis*, símbolo deste povo, pois, conforme relato bíblico, lá ancorou a arca de Noé².

A situação geográfica da Armênia, com seu relevo montanhoso que dificultava a comunicação entre os seus estreitos vales, foi o responsável pelo seu isolamento e, conseqüentemente, o surgir de comunidades com vida autônoma, que repercutiu tanto em sua vida política, como social, econômica e religiosa. Esta situação peculiar foi responsável pela sua Geografia, forjadora que foi da sua História.

A situação geográfica tornou a Armênia uma via de comunicação entre o oriente asiático, o norte caucasiano e o sul do mesopotâmico-arábico, portanto, favoreceu os diferentes povos que a invadiram e a assolaram em várias épocas.

A tradição nacional afirma que a origem dos armênios prende-se a um ancestral comum, *Haik*, filho de Thorgon, neto de Gomer, por sua vez neto de Noé, que se fixaram próximo onde aportou A arca, surgindo A Armênia, que se chamou *Haiastan*, *terra de Há*. Surgiu assim a *Epopéia de Hayk*, conforme escreve Moisés de Khoren em sua *História dos Armênios*.

Modernas teorias admitem a origem dos armênios como oriundos dos Balcãs, parte das tribos trácio-frígias, que atravessaram o Helesponto no século XVIII a.C. e se instalaram na Ásia Menor. Entraram em contacto com os hititas, guerrearam com eles e foram vencidos pelos címeros, procedentes das margens do mar Negro. Uma parte dos frígios dirigiu-se para o Oriente e A outra se fixou na região chamada Urartu³.

¹ PAULA, Eurípedes Simões de. As Origens Remotas da Armênia, in *Revista de História*, São Paulo, 12 (46)p.435, abril-junho de 1961.

² “A Arca (de Noé) repousou, no sétimo mês, no dia dezessete do mês, sobre os montes Ararat”. *Gênesis*, VIII, 4.

³ ALÉM, Jean-Pierre, *A Armênia*, p.13.

Os armênios pertencentes à etnia indo-européia viviam em constantes atritos nas fronteiras norte-sul e sudeste com povos racial e culturalmente diferentes deles, enfrentando as invasões bárbaras.

Às razões acima mencionadas pode-se acrescentar a Armênia como região de disputa entre o Oriente, do mundo iraniano, e o Ocidente, do mundo grego-romano. Em algumas ocasiões os dois impérios (a Pérsia Sassânida e o Império Bizantino ou Império Romano do Oriente dividiram entre si a Armênia, como aconteceu pelo tratado de Ctesifonte, 387 d.C. A resistência dos armênios aos invasores, ora bélica ora passiva, foi responsável pela sua sobrevivência. Para salvaguardar sua identidade nacional, A *armenidade*, além da sua fé cristã, os armênios elaboraram um *alfabeto nacional*, arma poderosíssima contra seus opressores. Coube ao armênio Mesrob ou Mesrop Mashtoz dar aos seus o alfabeto, em 405, que no dizer de Markwart foi *o fato de maior importância entre as realizações pós-crisis*⁴. O surgimento do alfabeto garantiu para os armênios a intangibilidade de sua alma, forças para os dias vindouros; foi A pedra fundamental para vencer as vicissitudes que haveriam de surgir em sua existência; colocou-se a fé junto com a nacionalidade, portanto, a Igreja tornou-se sinônimo da Escola, SENDO ambas AS trincheiras da nacionalidade.

A escrita armênia anterior ao surgimento do alfabeto

Anteriormente ao emprego da escrita pelos armênios, teve-se uma literatura oral, que compreendeU o período antes de Cristo até 305 d.C. Neste período encontram-se *Os Cantos de Goghten*, assim chamados por surgirem no cânto de mesmo nome, situado na província de Siunik Eles estão divididos em duas categorias: 1º poesias épicas ou históricas, 2º cantos mitológicos. Os cantos eram transmitidos pelos trovadores que os recitavam ou cantavam, acompanhados por uma espécie de guitarra chamada *bambirn*. Até o século V da nossa eram conhecidos por todos, comparados Às rapsódias gregas ou aos bardos célticos.

Outras epopéias, estrangeiras, também chegaram aos armênios. Entre elas podem-se citar a de *Semiramis*, *Avesta*, livro sagrado dos persas, e outros⁵.

⁴ MARKWART, J. A Origem do Alfabeto Armênio. Erevan, 1963, p.120 in Kerouzian, Yessai Ohannes, *Origens do Alfabeto Armênio*, p.15.

⁵ THOROSSIAN, H. *Historia de la Literatura Armenia*, p.51-55.

Passou-se a empregar na Armênia, os mais diferentes tipos de escrita. Algumas ainda estavam em uso quando do surgimento do alfabeto nacional. Fontes assírias e babilônicas falam do povo *Armen e Arminiya*. Estas inscrições usavam caracteres cuneiformes, que foram utilizados na Armênia no período da dinastia dos Urartus. Cerca de 400 inscrições foram encontradas referentes a este período, sendo as mais numerosas na sua capital Tushpa, atual Van, conhecidas desde o V século e relatadas pelo historiador armênio Moisés Khorenatsi ou Moisés de Khorene.

A escrita aramáica, ramificação oriental do fenício, tem o grego como sua ramificação ocidental. O aramáico começou sua expansão a partir do VII a.C. para o norte da Síria e de lá chegou à Armênia. Inscrições foram encontradas nos arredores do lago de Sevan e outros locais. Os achados referem-se ao rei Artashes I (ou Artaxerxes dos gregos).

A escrita grega, sendo característica de um povo desenvolvido e vizinho dos armênios, foi a mais usada na Armênia. A partir do II a.C. tornou-se a mais importante, perdendo sua influência a partir do surgimento do alfabeto nacional.

O helenismo invadiu a Armênia, como outras regiões da Ásia, a partir, principalmente, da epopéia de Alexandre da Macedônia. Moedas, peças teatrais encenadas em grego, decretos reais, monumentos e lápides comemorativas foram criadas. No reinado de Tigran o Grande (95-54 A.C.), o grego era a língua da corte, portanto, a administrativa. Artavast (56-34), seu filho e sucessor, escrevia em língua grega tragédias e discursos. Com a adoção do Cristianismo em 301: os ofícios das igrejas da Armênia Ocidental eram celebrados naquele idioma. O apóstolo da Armênia, São Gregório o Iluminador, teve formação helenística na cidade de Cesaréia da Capadócia, sendo sagrado bispo naquela cidade; o patriarca Nersés, em 350, instituiu escolas para o ensino do grego.

O persa (pahlevi/ sassânida) deriva do aramaico. O primeiro durante a dinastia dos persas-arsácidas; o sassânidas, de cunho nacionalista, durante a dinastia dos persas sassânidas, esta divulgada nas províncias sul-orientais da Armênia desde período remoto, sendo usada nas atas dos governantes. O general Xenofonte, comandante dos mercenários gregos, no seu retorno à Grécia, ao atravessar a Armênia, conversou em persa, tendo como intérprete uma moça armênia.

Chama-se *estranghelo* A escrita siríaca, variante da aramáica, semelhante à palmirena e nabatéia, em sua forma mais evoluída. A escrita siríaca possui duas formas: *estranghelo*, segundo alguns pesquisadores, originária do grego *strónghule*, redondo; segundo outros autores, contração das palavras árabes *satr anghiliy*, escrita do Evangelho. Ela foi usada na versão siríaca da Bíblia Sagrada, *Peshito*, século III. A segunda forma, remodelada, é o *serto*, datada do século V E usada pelos monofisitas sírios, isto é, os jacobitas da Síria⁶.

A língua siríaca foi levada à Armênia por missionários cristãos, provavelmente, originários da cidade de Edessa, atual Urfa. Essa cidade foi um grande centro de irradiação do Cristianismo, com seus missionários tendo inclusive atingido a Índia.⁷ Portanto, antes de São Gregório o Iluminador o Cristianismo atingiu a Armênia e a escrita firmou-se nas províncias sul-orientais, fronteiriças com a Síria e a Pérsia.

A Escola de Edessa, centro do Cristianismo siríaco, foi a grande rival da Escola de Antioquia, centro de difusão do Cristianismo grego. Santo Efrém o Sírio foi um dos brilhantes teólogos desta Escola. Os jovens e missionários armênios que buscavam o estudo em Edessa, nome grego da siríaca Uhra, foram os responsáveis pela difusão da língua entre os armênios. A tradução da *Peschita* e de outras obras sacras para o armênio pressupõe que havia conhecedores do idioma siríaco.

Roma em sua expansão ao Oriente Médio levou consigo sua cultura. O poder político e bélico introduziu o latim como língua oficial das terras conquistadas. Seus exércitos, comandados por Silas, Lúculo, Pompeu, Crasso, Marco Antônio marcharam para Oriente em conquistas, entre essas a Armênia. Em seu expansionismo os romanos entraram em contacto com os armênios; nesse relacionamento o latim tornou-se A língua dos círculos diplomáticos, das inscrições monumentais, Das atas diplomáticas entre Roma e a Armênia e das moedas cunhadas em Roma e Antioquia.

Nesta literatura podem-se notar *expressões líricas e dramáticas, como os cantos nupciais e fúnebres, as representações teatrais dos trovadores, etc. O povo armênio, em*

⁶ FÉVRIER, F. James. Histoire de l'Écriture. Paris, Payot, 1959 in KEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. p. 257-8.

⁷ A tradição entre os *cristãos de São Tomé*, portanto, os primeiros cristãos da Índia, afirma que São Tomé partiu de Edessa para evangelizar a região. *Os Atos de Tomé*, obra apócrifa, que narra a ida de São Tomé à Índia, foi escrita, provavelmente, em Edessa e seus arredores. Foi de Edessa que partiu São Tadeu, após curar o rei Apikar ou Abgard, para cristianizar a Armênia, segundo a tradição nacional.

*suas esplêndidas criações, canta e descreve suas heróicas lutas contra os opressores estrangeiros, em defesa de sua liberdade e independência*⁸.

O idioma armênio desde a Antigüidade preocupou aos estudiosos sobre a sua origem, discussão que se estende até nossos dias. A teoria mais aceita é a de que Hübschamann, estudioso alemão do século XIX, afirma que o *armênio é um idioma independente e distinto; por seu vocalismo se relaciona com as línguas européias e não com as arianas*⁹. Entretanto, sofreu influências das línguas estrangeiras: persa grega e siríacas¹⁰.

Na Armênia, até o surgimento do alfabeto nacional, usava-se além do idioma armênio, o persa, o siríaco e o grego, com suas respectivas escritas, sendo O persa e o siríaco de maior expansão, ocupando três quintas partes do território; portanto, os armênios estavam habituados na escrita da direita para a esquerda¹¹.

Literatura armênia antes do surgimento do alfabeto

Encontram-se obras relativas à literatura armênia escritas em idiomas estrangeiros e entre elas pode-se citar as obras de autores, dos quais não se conhece, até a presente data, a nacionalidade e nem o idioma de sua composição. Os mais conhecidos foram: Olimpius de Ani (Oghiub), Bardesan, Jorohpud, vulgo Eleazar, e Lerubna¹².

São Gregório o Iluminador (*Catholicós* de 302-325) estudou em Cesaréia da Capadócia e exerceu seu apostolado na Armênia. Com o apoio real, após seus sofrimentos causados pelo mesmo soberano, converteu a maior parte da população armênia e em 301 e tornou o Cristianismo a religião do Estado. O *Catholicós* sentiu a necessidade de instruir os novos clérigos para a propagação da fé, influenciando o rei para a criação de escolas no reino, iniciando-os nas ciências profanas e religiosas, que eram ministradas em línguas gregas ou siríacas. Atribui-se a São Gregório o Iluminador a composição da obra *Hachajapatum*, composta de 23 discursos, relativos às questões religiosas, num estilo dos padres gregos. Segundo os historiadores, ela foi composta em

⁸ ARTZRUNI, Ashot. *História do povo armênio*. p. 135.

⁹ THOROSSIÂN, H. op.cit. p. 37.

¹⁰ A famosa terminação *ian*, que se encontra na maioria dos nomes armênios, é genitivo plural iraniano.

¹¹ Na direção da escrita há dois sentidos: da direita para a esquerda encontramos o grupo aramáico-semítico; da esquerda para a direita, o grupo greco-latino e o armênio-georgiano e no sentido vertical o grupo chinês. KEROUZIAN, Yessai Ohannes, op. cit.p. 82.

¹² THOROSSIÂN, H. op. op.cit. p.56.

língua grega. Outras obras são atribuídas ao mesmo autor, em particular uma coleção de trinta cânones.

Outro sacerdote, Zenob (morto em 324), de origem síria, foi discípulo de São Gregório o Iluminador em Cesaréia da Capadócia, e o acompanhou à Armênia. Tornou-se superior do convento de Innaknian (Nove Fontes ou Surp Garapet) E redigiu a *História de Taron*. A obra está escrita em língua siríaca e destinada a sacerdotes siríacos, não residentes na Armênia. Historiadores acreditam que o próprio autor a traduziu para o armênio; outros, consideram-na uma obra apócrifa.

Existência de uma escrita armênia anterior ao alfabeto de São Mesrop

A existência de um alfabeto armênio anterior ao alfabeto nacional, atribuído a São Mesrop, divide os estudiosos. Estes defendem a existência de um alfabeto armênio anterior ao século V, portanto, os armênios teriam sua própria escrita. Moisés de Khoren ou Khorenitsi afirma existirem manuscritos armênios datados do período pagão que foram traduzidos para o grego e o assírio. Nas cidades de Tigranocerta e Artashat – capitais da Armênia no século I a.C. - representavam-se peças teatrais em armênio e em grego, provando a existência de uma literatura bastante evoluída. Entretanto, não há até o presente nenhum documento da época que prove a existência desse alfabeto, apesar dos seus defensores afirmarem que o *antigo idioma literário, o armênio clássico, havia alcançado uma perfeição tal que se prestava para a expressão de qualquer idéia, o mesmo que o grego, o que permitia substituí-lo com toda a vantagem*¹³. Entretanto, historicamente pode-se afirmar que na época da introdução do Cristianismo os alfabetos usados eram o grego e o siríaco.

As referências literárias sobre a escrita armênia, anteriores ao século V são refutadas pelos historiadores. Filostrato, (175-249), em seu livro *De Vita Apollonis Tianeis*, menciona um leopardo procedente da Armênia, capturado na Panfília, que trazia ao seu pescoço uma coleira em escrita armênia: *oferta do rei Arshak à deusa Nísia*. Refuta-se a referida afirmação porque não houve rei armênio com o nome de Arshak no referido período, podendo ser o nome de um rei parta, tomado facilmente como armênio

¹³ ARTZRUNI, Ashot. Op.cit. p.136.

por um ocidental¹⁴. O historiador grego Hipólito, em seu livro *Cronicas*, afirma, na primeira metade do século III, que os armênios tinham literatura, entretanto, ignora-se a fonte de sua afirmação e a mesma pode referir-SE a literatura da dinastia dos Urartus, que escreviam em caracteres cuneiformes, período em que se desenvolveu uma literatura armênia em escrita estrangeira¹⁵. Agathangelo, historiador armênio DO final do século IV e começo do século V E secretário particular do rei Tiriidat III (285-3350), refere-se aos secretários da corte que registravam os depoimentos de São Gregório o Iluminador e das santas virgens Hripsimé e Gayné e suas companheiras mártires, vindas do Império Romano para a Armênia, em época de perseguições aos cristãos, Acredita-se que foram utilizados caracteres ideográfico-taquigráficos, em uso na Armênia¹⁶ ou do alfabeto grego, pois as virgens provavelmente vieram das partes do Império Romano do Oriente e a língua era o grego naquelas partes, isto é, do Império Romano do Oriente ou Bizantino¹⁷. Três historiadores armênios, Koriun¹⁸, Lazar Parpetsi¹⁹ e Mouses Khorenatsi²⁰, contemporâneos e colaboradores de São Mesrop, referem-se às dificuldades do empreendimento e mencionam *Daniel*, que teria caracteres armênios²¹. Entretanto, estudos posteriores afirmam que *possíveis tentativas anteriores a Mesrob de criar escrita nacional, mas, com base em dados efetivos, não é possível comprová-las*²². Markawart²³, opositor radical da hipótese de escrita armênia anterior a São Mesrop,

¹⁴ KHEROUZIAN, Yessai Ohannes. Op.cit. p. 53,7.

¹⁵ IDEM op.cit. p. 54,57-8.

¹⁶ Miniatura Armênia (trabalho de equipe Biblioteca Nacional de Erevan, 1952 in KHEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. p.285.

¹⁷ KHEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit., p.54-6, 58.

¹⁸ Koriun, chamado o Admirável, aperfeiçoou-se no idioma grego em Bizâncio, foi consagrado bispo da Ibéria, atual Geórgia, em 440, acredita-se que é de origem georgiana; traduziu livros bíblicos e outras obras. THOROSSIAN, H. op.cit. p. 76.

¹⁹ Ghazar Parbetsi (Lázaro de Farbi). Viveu entre o no final do século V e começo do século VI. Passou sua juventude em mansões principescas. Muito jovem abraçou a carreira eclesiástica e em idade avançada partiu para Bizâncio para aperfeiçoar-se nas ciências. No seu retorno, tornou-se superior do convento de Vagharshapat, onde implantou reformas rigorosas, sendo caluniado pelos monges, sendo expulso do mosteiro pelo rei Vahan e o *catholicós* Hovhan. Conseguiu defender-se das calúnias e voltou às graças do soberano. Esse o encarregou de escrever os acontecimentos daquela época, surgindo assim a *História da Armênia*, escrevendo ainda *Carta a Vahan Mamiconian* e outras obras. IDEM. op.cit. p. 80-1.

²⁰ Mouses Jorenatsi ou Moisés de Khorene ou ainda Moisés de Joren nasceu na aldeia de Jorni ou Ornk, segundo a tradição era sobrinho de São Mesrop. Aperfeiçoou seus estudos em Antioquia, Bizâncio, Alexandria, Atenas e Roma. No seu regresso, encontrou a Armênia numa desorganização política, indiferença geral em relação ao intelecto. Faleceu em 487, com mais de cem anos. Escreveu *História da Armênia*, composta de três livros, desde Jafet até sua época. IDEM, p. 82-3.

²¹ KHEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. p. 55.

²² IDEM, op.cit. p.70.

²³ Autores contrários à hipótese da escrita e literatura armênias, portanto no período anterior a São Mesrob: DASHIAN, H. Catálogo dos Manuscritos Armênios da Biblioteca Mekhitarista Viena,

afirma que não houve esta escrita no idioma do país, pois nenhum alfabeto existente era capaz de representar o sistema fonético dos armênios. Não existiam caracteres adequados para expressar os fonemas e as sílabas da língua armênia, E isto somente tornou-se possível devido ao alfabeto criado por São Mesrob.

Os armênios, devido às lutas políticas, estavam sob a influência persa ou romana e no campo religioso sofriam também as influências grega ou siríaca. Cesaréia da Capadócia e Edessa, nome grego de Urha, eram os centros religiosos que formavam os sacerdotes armênios.²⁴

Introdução do Cristianismo

A Armênia, segundo a Bíblia, foi o local onde a Arca de Noé encalhou no alto do monte Ararat²⁵. A Igreja Armênia venera uma relíquia da arca, isto é, um pedaço de madeira²⁶. O Paraíso terrestre ou Jardim do Edém²⁷ também lá foi localizado, portanto, o início da evangelização encontrou referências locais que auxiliaram em sua obra.

O Cristianismo foi introduzido na Armênia, segundo a tradição, pelos apóstolos São Judas Tadeu e São Bartolomeu, o que concede À sua Igreja o privilégio de ser apostólica, ou seja, fundada pelos apóstolos. Tadeu esteve inicialmente em Edessa, daí a ligação de parte da Igreja Armênia com esta cidade e com o idioma siríaco. A

Graf.Arm.Mekh. Viena, 1896; LEO, Mesrob Mashtoz, Erevan,1962 ADJARIAN, Hratch. A Escrita dos Armênios, Gráfica Armênia Mekhitarista,Viena, 1928; KIBARIAN, G. História da Literatura Armênia,v. I, das Origens até o ano 1300, Gráfica Armênia Mekhitarista.Veneza, 1944; BIVAZIAN, Emanuel, O problema da escrita e literatura armênia no período pré-ashotz, em Mesrob Mashtoz, Erevan, 1962 ; MARKWART, J. Über den Ursprung des armenischen Alphabets in der Verbindung mit der Biographie des heiligs Mashtoc, Wien, Mechitaristen,1911, versão armênia em Mesrob-Mashtoz, Erevan,1962. KHEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit . 261, 279, 281-2,290.

²⁵ “No dia dezessete do sétimo mês, a arca repousou sobre as montanhas do Ararat” GÊNESIS, 8,4).

²⁶ A tradição afirma que São Tiago (Surp Hagop) Patriarca de M’dzpin (Nisibis-Assíria), século V, desejando possuir um pedaço da Arca, começou a escalar o Monte Ararat. Não conseguindo chegar ao topo do monte, adormeceu cansado. Ao acordar, percebeu que se tratava de um mistério realizado por Deus, agradeceu-lhe o ocorrido. No ano de 1716, o catholicós Simeão de Yerevan enviou a czarina Catarina da Rússia um pedaço da Arca como presente, em apreço à proteção dispensada aos armênios. KARIBIAN, Yervant, *Ecoss Ressonantes*, págs, 39-40, 90.

²⁷ ...E saia um rio do Édem para regar o jardim, e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços. O primeiro chamava-se Pison. (...) O segundo rio chamava-se Giom: (...) O nome do terceiro rio é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto é o Eufrates. GÊNESIS, II, 10-14. Os rios Tigre e Eufrates nascem nas montanhas da Armênia, portanto, a tradição local tem sua base nos textos bíblicos e na geografia.

evangelização da Armênia rumou para outras partes, entre elas a Etiópia²⁸. O contato dos armênios com os cristãos de Edessa, da Capadócia e da Síria ocasionou a introdução do Cristianismo no país, visto que Edessa e Antioquia da Síria foram grandes centros de expansão da nova religião no Oriente Próximo. Apesar das perseguições, o Cristianismo crescia no Oriente, chegando mesmo até a Índia, graças aos missionários enviados por Edessa ou Urfa. Acredita-se que havia uma hierarquia eclesiástica que dependia ou de Antioquia, grande centro helenístico, ou de Edessa, centro de cultura siríaca. Ora, antes do surgimento do alfabeto nacional armênio os textos sagrados eram redigidos em grego ou siríaco.

No século I, quando da introdução do Cristianismo na Armênia, segundo a tradição local, pode-se afirmar para corroborá-la que se encontra o reino em constantes relações comerciais, políticas e culturais com a Capadócia, Osrohene (nome siríaco de Edessa) e Adiabene. Era desta região que também partiu a evangelização para a região do golfo Pérsico e da própria Índia. Os cristãos indianos, conhecidos como *cristãos de São Tomé*, afirmam que a origem de sua Igreja prende-se a Edessa. Colaborou ainda para a pregação da nova fé a existência das comunidades judaicas, pois os discípulos de Cristo usavam as sinagogas para o proselitismo da nova fé e elas existiam nas regiões acima citadas e também na Armênia. Portanto, a diáspora judaica auxiliou na expansão do Cristianismo. Juntam-se ainda as estradas ligando as mais diferentes partes, que facilitavam a mobilidade dos pregadores cristãos, e entre eles Tadeu e Bartolomeu. Estes poderiam perfeitamente difundir o Evangelho na Armênia, como os outros apóstolos o difundiram em outras regiões.

Tertuliano, em sua obra *Contra os Judeus*, escrita em 197, referindo-se às nações que adotaram o Cristianismo, menciona partos, frígios, capadócios e armênios²⁹, no que foi confirmado por Santo Agostinho, em seu livro *Contra os Maniqueus*³⁰. Firmiliano, Bispo de Cesaréia da Capadócia (230-268) descreve as perseguições que sofreram os armênios durante os reinados de Vagharch (186-196), Khororov (196-216) e seus sucessores em sua obra, *História das perseguições contra a Igreja*³¹. Eusébio de

²⁸ *Os Atos de Mateus*, livro apócrifo, narra a evangelização da Núbia (Sudão) e a conversão de sua princesa Efigênia, santa venerada no Brasil, principalmente, pela população negra. Santa Efigênia é nome de irmandades, igrejas, ruas e bairros no Brasil.

²⁹ KARIBIAN, Datev, op.cit. p. 10

³⁰ IDEM. IBIDEM.

³¹ IDEM. IBIDEM.

Cesaréia menciona, na epístola *Sobre a penitência*, dirigida entre outros aos armênios e ao seu bispo Meruzanes ou Mehrujan ³², em carta datada entre 251-255. Portanto, antes de São Gregório o Iluminador, há notícias de uma Cristandade na Armênia. A Igreja Armênia, seguindo a sua tradição, sempre afirmou sua origem apostólica devido à pregação de São Bartolomeu, um dos doze apóstolos. A tradição ainda afirma que Tomé ou Tadeu ou Judas-Tadeu, após batizar o rei Abgar ou Apkar de Edessa, abalou-se para a Armênia, lá sendo martirizado ³³.

O Cristianismo torna-se religião oficial

No século III a Armênia era governada pelos sátrapas nomeados pelos soberanos persas. Estes sátrapas eram pessoas pertencentes a famílias principescas armênias, ligadas às dinastias persas. A dinastia dos Sassânidas eliminou os Archácidas ou Arsácidas, entretanto, a sua ramificação permaneceu em terras armênias. O príncipe Anak, aliado dos Sassânidas, ofereceu-se para eliminar o rei Khorosrov, conhecido também por Trdat II, membro de sua própria dinastia. O assassino foi, posteriormente, assassinado pelos Sassânidas. Ora, Anak era pai de Gregório, o futuro Iluminador, e Khorosrov ou Josrov era pai do futuro Trdat ou Tiriades III, sendo que este seria responsável pela oficialização do Cristianismo como religião do Estado em 301.

A família de Anak, pertencente à aristocracia armênia, refugiou-se em território romano por temor aos persas, que ocuparam o país. Gregório foi educado em Cesaréia da Capadócia. Estudou as ciências cristãs e letras gregas. Terdat e familiares também fugiram para o domínio romano. O futuro Trdat III recebeu excelente educação na corte dos imperadores romanos; distinguiu-se no exército, tanto pela sua força física como também como estrategista. Trdat III foi recolocado no trono da Armênia pelo imperador Diocleciano. Em sua volta triunfal, o soberano com sua corte ofereceRAM sacrifício à deusa Anahid, deusa da fertilidade. Um dos membros de seu séquito, Gregório o Parto, recusou-se a oferecê-lo. Pela sua atitude foi torturado e jogado no fundo de um poço em Ardachád, onde sobreviveu milagrosamente por cerca de quinze anos.

³² CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*, v. II pp. 429-30.

³³ A Igreja Armênia comemora a festividade do Santo rei Apkar, Surp Apkar Takavor. KARABIAN, Datev op.cit. p. 78.

O rei passou a sofrer das faculdades mentais, licanthropia³⁴ e uivava como um lobo pelos bosques. Tal situação ocorreu após mandar executar Hripsemé,³⁵ que não aceitou sua proposta matrimonial, juntamente com outras trinta e seis virgens, dirigidas pela abadessa Gainé E fugidas das perseguições ordenadas pelo imperador Diocleciano. O rei Tdrat III, aconselhado pela sua irmã Khosrovitúkht, mandou soltar Gregório, que o curou. Tais acontecimentos foram responsáveis pela conversão do soberano armênio. Gregório era um leigo, não dispunha de missionários, nem de numeroso clero, entretanto, expandiu a nova fé. O culto dos deuses foi desaparecendo, fato que se pode explicar pela preexistência do Cristianismo na Armênia desde os tempos apostólicos. Testemunha deste período encontra-se na construção das igrejas nas imediações de Etchmiadzin (antiga Vagharchabad) erigidas no século IV. Entre elas, a própria catedral, os túmulos das virgens martirizadas e, sobretudo, o testemunho de Eusébio de Cesaréia, que nos relata que o imperador Maximino declarou guerra aos armênios pela sua conversão ao Cristianismo³⁶.

São Gregório tornou-se o patriarca de *Etchmiadzin* e sede da Igreja Armênia³⁷. A partir de 301 o próprio rei proclama o Cristianismo como religião oficial do Estado. Portanto, tornou-se o primeiro país cristão do mundo com a conversão do rei Tiriades, iniciando-se a conversão da corte, da nobreza e do povo. Recebeu a sagração episcopal de um bispo grego em Cesaréia da Capadócia, o que levou a hierarquia grega a considerar a Igreja Armênia tributária de Cesaréia da Capadócia. Entretanto, a Igreja Armênia, não reconhecendo o Concílio de Calcedônia (451), separou-se da Igreja Grega, que a considerou cismática, isto é, separada. A partir daquela data, a Igreja

³⁴ No século V a doença era conhecida como *doença de porco* e os escultores esculpiam a cabeça do rei como uma cabeça de porco, ocasionado pela lenda que o rei se transformou nesse animal. Suas manifestações de licanthropia não se configuravam como um javali e sim como um porco. NERCESIAN, Sirape. *Agreja dos Armênios*, p. 77.

³⁵ A Igreja Apostólica Armênia celebra sua festa, juntamente com suas trinta e duas ou trinta e três mártires, após nove dias da festa de Pentecostes ou Espírito Santo, na segunda ou terça-feira. KARIBIAN, Yervant, op.cit. p. 81.

³⁶ ORMANIAN, Maghakiá (Malaquias), *A Igreja dos Armênios*, p43.

O calendário armênio menciona desde o I século mártires: Santa Santukht, de sangue real, Santa Zarmantuck, dama nobre, os sátrapas São Samuel e São Israel, São Terentuis, militar e outros, o calendário latino menciona Santo Acácio martirizado com dez mil milicianos no monte Ararat, no reinado do imperador Adriano. IDEM. pp. 39-40.

³⁷ *Etchmiadzin* significa *onde desceu o único ou unigênito*. Segundo a tradição, Cristo apareceu a São Gregório o Iluminador batendo com um martelo de ouro e indicava onde deveria ser construída a catedral. Ela é a catedral mais antiga do mundo cristão. *Iluminador* para os armênios significa *aquele que leva a fé*, portanto, os apóstolos São Bartolomeu, São Tadeu foram os primeiros que receberam o título de *Iluminador*.

Armênia tornou-se autocéfal, porém, a influência da língua grega e siríaca continuaram, visto que os armênios não tinham um alfabeto nacional, servindo-se dos alfabetos gregos e siríacos.

Em 387 houve a divisão da Armênia entre Roma e a Pérsia. Os persas proibiram todo contacto com o Ocidente cristão e também o uso do idioma grego. Conseqüentemente, a Igreja Armênia só poderia usar o idioma siríaco, língua patrocinada pela dinastia sassânida, pois era assim um meio de diminuir a influência helênica. Os armênios, que já gozavam de uma autonomia espiritual, continuavam na dependência dos idiomas estrangeiros. Os armênios ocidentais cada vez mais iam se helenizando, enquanto os armênios orientais iam absorvendo a cultura siríaca, cujo bastião era Edessa. Não bastava a Igreja para formar a unidade cultural armênia, havia necessidade de algo mais, um alfabeto que fosse a expressão do idioma de seu povo. Fazia-se necessário criar uma escrita própria para o não desaparecimento da armenidade.

A evangelização da Armênia tornou o Cristianismo um fator importante para manter a unidade nacional dos armênios, entretanto, fazia-se necessário uma identidade entre o povo e a Igreja. Era preciso que os fiéis entendessem a liturgia e pudessem ler os textos sacros, que estavam em grego ou siríaco. A literatura eclesiástica e os ritos religiosos precisavam estar escritos em língua nacional, portanto, era imperioso a existência de um alfabeto próprio, um alfabeto para a língua armênia, que exprimisse os sons de seu idioma. Seria também o sinal de que o povo armênio ingressaria entre as nações cultas, despertaria a consciência nacional, combateria as influências estrangeiras, a dissolução nacional, tão desejada pelo Império Bizantino e o Império Sassânida.

Os filhos dos nobres armênios eram educados em Cesaréia da Capadócia, Antioquia, Edessa, Constantinopla e Atenas. Esses jovens recebiam a instrução em grego ou siríaco, eram educados para os cargos públicos e na Armênia continuavam a usar os dois idiomas, tornando-se difusores dessas culturas. Os armênios poderiam usufruir das riquezas espirituais e profanas do Oriente e do Ocidente, sem, entretanto, manter a sua cultura nacional e não viver completamente debaixo da influência estrangeira. As circunstâncias políticas da época não favoreciam sua independência

política, porém o Cristianismo e um alfabeto próprio poderiam manter a sua identidade cultural³⁸ e ser o sustentáculo de um povo contra os seus dominadores.

Mesrob Mashots e o alfabeto armênio.

Três historiadores clássicos armênios, Koriun, Korenatsi e Parbetsi, conforme SE afirma acima, registram a origem do alfabeto armênio no início do século V. As narrativas, quando confrontadas, não apresentam discrepância fundamental. Os três são concordes em afirmar que as letras armênias têm origem com o monge Daniel Siríaco, que as ensinou aos seus alunos e que, apesar de não reproduzirem satisfatoriamente todos os sons e articulações da língua Armênia, não eram totalmente impróprias.

Coube ao *catholicós* São Sahac ou Sahag, conforme os autores acima citados, o surgimento do alfabeto armênio, juntamente, com São Mesrob ou Mesrop Machdots. São Sahac (355-438), filho do *catholicós* São Nersés o Grande, foi profundo conhecedor das línguas armênia e grega e exerceu a diplomacia junto aos persas e aos gregos. Estudou em Constantinopla e Cesaréia da Capadócia, foi orador eloquente e escritor, traduziu a Bíblia para o armênio e foi incentivador de outras traduções, particularmente as obras religiosas. São Sahag vendo a necessidade de preservar a Igreja e a cultura Armênia, recorreu a São Mesrob (360-440) para que elaborasse um alfabeto que pudesse exprimir o idioma armênio. Ambos foram apoiados pelo rei Vramchabuh.

São Mesrob, antes de abraçar a vida eclesiástica, foi redator dos decretos reais da corte do rei Josrov, sob as ordens do *hazarapet* (*chefe de mil coisas*), isto é, primeiro ministro, conhecedor da língua grega, siríaca e persa. Neste cargo passou a conhecer a realidade armênia na sua fonte e na corte, entretanto, continuou a ler obras de autores gregos e sírios. Foi promovido na carreira militar, que naquela época era uma patente na elite social. Tornando-se eclesiástico (394), destacou-se pela austeridade dos costumes e pelo cultivo das ciências. Em seu apostolado pela província de Goghten verificou que entre seus habitantes havia ainda resquícios de paganismo, o que o entristeceu muito, acreditando ser a liturgia e os ofícios divinos em língua grega ou siríaca, portanto, não compreendida pelo povo, uma das causas de tal situação. Os futuros eclesiásticos estudavam ou em língua siríaca ou grega para celebrarem os ofícios religiosos, assim, o

³⁸ ARTZRUNI, Ashot, op.cit. p.137.

armênio tornava-se língua secundária e o povo não entendia os atos litúrgicos e não conseguia ler os textos sagrados, pois pequena parcela compreendia o idioma grego ou siríaco.

Neste contexto, regressando á corte, apresentou ao patriarca São Sahak o relatório sobre a situação religiosa do país. Os dois religiosos, com o apoio do rei Vramshapuh e representantes civis e eclesiásticos, avaliaram a situação do momento. O rei concedeu seu apoio moral e financeiro. Com as informações reais foram-se a buscar os caracteres dos chamados antigos símbolos armênios que estavam em poder do velho monge assírio Daniel *Tanie*, formados de vinte e duas letras. São Mesrob entrou em contacto com o monge Daniel e aprendeu os valores fonéticos dos sinais, levando-os ao seu rei Vramchabuh, fato ocorrido entre 403 e 404. São Mesrob transmitiu-os aos seus alunos, entretanto, os símbolos não correspondiam satisfatoriamente aos sons e articulações do idioma armênio. Diante dessa realidade São Mesrob viajou até a Síria e outras cidades da Ásia Menor, entre elas Edessa e Amita, à busca de solução, levando consigo bolsistas. Outros alunos bolsistas partiram para Samósta ou Samóssata, centro helenístico, situada ao norte de Edessa. São Mesrob, em Edessa, terminou a criação formal dos sinais do alfabeto armênio. No caminho rumo à cidade de Samóssata ou Samossad em companhia de seus discípulos, segundo a tradição, teve uma inspiração divina, aparecendo os caracteres gravados em fogo numa pedra:

“Estava pensando em apresentar, num livro especial, quando, como e por meio de quem nos foi dada a escrita por Deus”³⁹.

“Mesrob pôs-se a rezar e vê, não num sonho, nem numa visão de olhos abertos... uma mão direita escrevendo sobre pedra... e despertando de seus pensamentos, criou os sinais de nossa escrita, Mesrob coordenava os sinais armênios em correspondência exata com os sinais gregos⁴⁰.

“...diante das dificuldades, Mesrob pôs-se a rezar e vê não num sonho e nem numa visão de olhos abertos, mas sim dentro de si mesmo, no fundo de seu coração, uma mão direita sobre a pedra e despertando de seus pensamentos, criou os sinais de nossa escrita... e, após ter delineado as formas de escrita, Mesrob começou a coordenar as sílabas do armên⁴¹o na exatidão da sílabas do grego, dando-lhe, logo depois, ao trabalho de tradução 29”.

³⁹ KORIUN, I, p.87 in KROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. p. 260.

⁴⁰ PARPETSI, Lazar, X, p.45-46 in IDEM. BIDEM.

⁴¹ KHORENATSI, Movses, III, 53 in IDEM. BIDEM.

Em Samosta São Mesrob teve a colaboração do calígrafo grego Rufino, que executou um trabalho de retoque nos sinais e sua transcrição fonética. Nascia assim o alfabeto armênio. Nesta mesma cidade São Mesrob, auxiliado pelos seus discípulos Hovan e Govsep (João e José) inicia a tradução para o idioma armênio do *Livro dos Provérbios* da Sagrada Escritura. Surgiu o primeiro livro em língua nacional com caracteres nacionais escrito pelo calígrafo Rufino, que foi apresentado ao rei e ao povo, quando de sua volta à Armênia. Em seu regresso, passou por Edessa e apresentou ao primaz daquela cidade o alfabeto *doado por Deus*. Com o surgimento deste teve início a obra de tradução dos livros sacros e profanos. Iniciou-se uma obra de alfabetização do reino: a corte e os militares foram alfabetizados pelo esforço do patriarca São Sahak. Os alunos de São Mesrob espalharam-se pelo interior com o mesmo objetivo. “O profeta Moisés e o Evangelho de Cristo começaram a falar em armênio” e “gente do mesmo povo, dividido por heterogeneidade idiomática, voltou a constituir uma nação única”⁴²

Não há entre os historiadores concordância quanto à origem do alfabeto armênio. Uma escola defende que São Mesrob inventou todo o alfabeto, outros, porém argumentam que ele encontrou os caracteres já existentes com o bispo Daniel. Portanto, São Mesrob utilizando as vinte duas letras danielinas formou-o, acrescentando quatorze letras novas, reveladas numa visão sobrenatural.

“Diz-se de alguém, um bispo sírio, de nome Daniel... que improvisou sinais alfabéticos para a língua armênia”⁴³.

“Daniel, que dispunha de sinais de escrita armênia”⁴⁴

“Um homem, chamado Abel, prometeu ao rei armênio aplicar, ao idioma armênio, a escrita preparada à pressa pelo bispo Daniel, seu parente”⁴⁵.

Autores em séculos posteriores; alguns anônimos com datas incertas baseiam-se nos autores acima mencionados, entretanto, há divergências na informação.

⁴² KORIUN, XI, 106; XV, 110 in IDEM. p.39.

⁴³ KORIUN, VI, p.99 in IDEM. p 259.

⁴⁴ PARPETSÍ, Lazar. X, p.40-42 in IDEM. IBIDEM.

⁴⁵ KHORENATSI, III, p.52.554. IDEM. IBIDEM.

“Naquele tempo foram apresentadas por Daniel, vinte e nove letras e as sete que faltavam, foram criadas por Mesrob, que as recebeu de Deus⁴⁶ .

“Formou-se a escrita armênia de vinte e nove letras... e as sete, que faltavam foram criadas por Mesrob, que as recebeu de Deus numa visão”⁴⁷ .

“Na Antigüidade os armênios adotaram dos sírios dezesseis letras... depois, Mesrob criou dezenove, numa visão em que uma mão direita escrevia sobre a pedra... Mesrob tomou, de Daniel só uma letra, a sétima, e este, por sua vez, dos sírios⁴⁸”.

“foram apresentadas, pelo “filosofo Daniel”, vinte e nove letras e a falta das sete letras foi preenchida por Mesrob, que as obteve de Deus, numa visão⁴⁹ .

“Vinte e nove letras, inventadas pelos antigos e apresentadas por Daniel, e as sete vogais escreveu-as à mão de Deus, para Mesrob, sobre a pedra⁵⁰ .

“ Até lá os armênios não tinham escrita própria e usavam a grega e a siríaca... e o rei disse ter ouvido a respeito de um sírio chamado Daniel, possuidor de letras armênias... que depois se revelaram insuficientes. Mesrob pôs-se a rezar, e apareceu uma mão escrevendo, e, então, ele criou as letras⁵¹ .

Ormanian (1841-1918), patriarca armênio de Constantinopla (1896-1918), afirma que São Mesrob, em seu trabalho apostólico na província de Gogthen (Akulis) percebeu a necessidade de dar ao povo livros religiosos em língua nacional, pois os existentes estavam escritos em grego e siríaco e pretendia remediar a situação. O patriarca São Sahag ou Sahak auxiliou-O em sua missão e, com a colaboração real, iniciou sua obra em dar aos armênios um alfabeto nacional, que se concretizou entre 404-406. Surgiu um alfabeto que atendia Às estruturas do idioma armênio. São Mesrob implorou o auxílio divino para concluir seu intento, dando origem, entre os armênios, a crença de que seu alfabeto tem origem celestial. A obra de São Mesrob, liderada por

⁴⁶ ASOGHIK, Stepan, VI, 139 (sec. X); ADJARIAN, Hratch, A escrita dos Armênios, p.80 in IDEM.IBIDEM.

⁴⁷ VOSKEPORIK (Coleção Áurea; de autores anônimos, geralmente posteriores ao século X).ADJARIAN, Hratch, p.86,134 in IDEM. p.55.

⁴⁸ VARDANAGUIRK (Livro de Vardan) autor anônimo, ADJARIAN, Hratch, p.81-83,88-89, LANGLOIS, V. Collection des Historiens Anciens et Modernes de l'Arménie, Paris, Firmin Didot,1869, t.II, p.7-8. in IDEM. p.55-56.

⁴⁹ LIVRO DO IMPERADOR, obra anônima, ADJARIAN, Hratch, p.70,81,132 in IDEM, p. 56.

⁵⁰ GANTZARAN (Hinário) ADJARIAN, Hratch, p.81-82 in IDEM.IBIDEM.

⁵¹ GANTZAKETSI, Kirakos (c.1201-1271) I, p.25-26 in IDEM, p.56-7.

São Sahag, razão pela qual os armênios o chamam de *Illuminador das Mentes*, pela Luz do ensinamento, assim como São Gregório o *Illuminador das almas*, pela fé cristã e São Nersés, o *Illuminador dos Corações*, pela Luz moral⁵².

Uma terceira corrente de críticos afirma que São Mesrob não encontrou mais que as vogais, ou seja, ele as juntou aos caracteres então existentes: “Vinte e nove letras, inventadas pelos antigos e apresentadas por Daniel, e as sete vogais escreveu-as a mão de Deus, para Mesrob, sobre a pedra”⁵³.

Pode-se admitir em princípio que existiram tentativas em criar um alfabeto armênio anterior a São Mesrob, entretanto, não se possui até nossos dias dados comprobatórios ou concretos. Acresce-se que os alfabetos usados anteriormente, grego, siríaco, persa, latino não conseguiam expressar ou representar o sistema fonético do idioma armênio.

Não há também concordância entre os estudiosos no que tange à data da criação do referido alfabeto. A data oscila entre 391 a 406, discordância que provém, provavelmente, da maneira de entender os textos originais, dos critérios pessoais dos autores na fixação cronológica, que usam muitas vezes argumentações nem sempre criteriosas, invocando uma defesa de opinião própria ou pessoal⁵⁴.

Número das letras do alfabeto armênio.

O atual alfabeto armênio é composto por trinta e oito sinais fonéticos, sendo que os dois últimos foram criados entre os séculos XI-XII. Os autores antigos, Koriun, Lazar e Khorenatsi em suas obras não mencionam o número de letras, porém em seus textos vê-se que eram trinta e seis sinais, conforme a criação de São Mesrob. Escritos posteriores afirmam explicitamente a existência numérica do alfabeto.

O tradutor para o armênio da *Gramática*, escrita por Dionísio da Trácia (c.180-145a.C.), tradução realizada entre os séculos VI-VII, enumera trinta e seis letras⁵⁵.

Outra obra em que está constatada a existência de trinta e seis letras e o *Hino da Virgem Ripsime*⁵⁶, composto pelo patriarca Komitas, século VII, inicia-se pela primeira letra do alfabeto *ayb*, seguindo a seqüência até a última *k'é*.

⁵² ORMANIAN, Maghakiá (Malaquias). A Igreja dos Armênios, p.52-3.

⁵³ GANTZARAN (Hinário), ADJARIAN, Hratch in KEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. p.56.

⁵⁴ KHEROUZIAN, Yessai Ohannes, p.73.

⁵⁵ SUKRIAN, A. O início da Língua Armênia e a Gramática de Dioniso da Trácia, rev. Bazmavép,1877, p.97-109 in KHEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. p.78.

As *Nênias*, em honra do príncipe Tchivanshir dos ala⁵⁷ nos, autoria de David o Cantor, século VII, também é composto de trinta e seis estâncias, conforme o alfabeto armênio. A partir desta época os demais autores repetem a existência de trinta e seis sinais gráficos.

A escrita do alfabeto armênio devido à influência grega segue a direção da esquerda para a direita. Embora na época do seu surgimento o persa e o siríaco, pertencente ao ramo semítico, que escreve da direita para a esquerda, dominassem três quintos do território armênio, seu autor São Mesrob achava mais vantajoso seguir o exemplo do grego, inclusive o uso de vogais, não necessárias nos alfabetos semíticos. Deve-se levar em consideração ainda que o grego fora a língua culta e universal da época e que desde Alexandre Magno a Ásia Menor estava helenizada.

Os sinais fonéticos armênios têm dezoito sinais voltados para a direita, sete para a esquerda e onze em direção meridiana/vertical. Nos séculos XI-XII acrescentaram-se dois sinais, um para esquerda e outro para a direita⁵⁸. As letras do alfabeto armênio desde sua origem até nossos dias são as mesmas. A mais antiga referência é o *Hino da virgem Ripsimé*, composto pelo patriarca Komitas, século VII, composição com 36 estâncias, seguindo o exemplo das 24 letras gregas que compõem o *Akathistos*. Os fonemas do alfabeto armênio são representados por 38 letras, sendo 7 vogais (um, acréscimo posterior), duas sem-vogais e mais 29 consoantes (um, acréscimo posterior), totalizando 38 letras⁵⁹.

A língua armênia clássica, *grabar: língua escrita*, alcançou sua formação básica no século VI a.C. As fontes alusivas a tal fato SÃO encontradas no historiador

⁵⁶ Segundo a tradição do martirologio, citações de cânticos eclesiásticos e hagiografia. Na época do imperador Diocleciano vivia em Roma a virgem Hiripsimé, que se recusou casar com aquele imperador, pois vivia com outras virgens, dirigidas pela superiora Kayiané. Perseguidas, fugiram daquela cidade e foram refugiar-se na Armênia. Em lá chegando, foi desejada em casamento pelo rei Drtad, devido a sua exuberante beleza. A recusa de Hiripsimé ocasionou torturas em si e em suas companheiras, sendo, posteriormente martirizadas. Seus restos mortais FORAM recolhidos por São Gregório o Iluminador. A Igreja Armênia comemora sua festividade anualmente, depois de nove dias após a festa de Pentecostes, respectivamente, na segunda e terça-feira. (KARIBIAN, Datev, op.cit. p.81).

⁵⁷ A Igreja Grega celebra anualmente o AKATHISTOS (não sentado) em honra da *Theotokos* (Mãe de Deus), orações composta de vinte e quatro estrofes, conforme o número das letras do alfabeto grego, de alfa a ômega. O AKATHISTOS foi composto pelo patriarca Sérgio de Constantinopla em agradecimento à Virgem por ter livrado a cidade, então sitiada pelos persas, no reinado do imperador Heráclito (século VI). O patriarca e o povo passaram a noite em oração na igreja da *Theotokos* de pé em agradecimento, daí o surgir o AKATHISTOS, não sentado, costume que permanece até nossos dias, rezá-lo de pé, particularmente NO período da Quaresma.

⁵⁸ KEROUZIAN, Yessai Ohannes, op. cit.p. 83.

⁵⁹ Vide anexo 1.

Moves Khorentsi e no geógrafo grego Estrabão⁶⁰. O idioma armênio até o surgimento do alfabeto estava apenas nas obras literárias orais, com os chamados *Cantos de Gogtten*, que chegaram até nossos dias graças aos historiadores dos séculos IV a X.

No século V da nossa Era o armênio clássico e o armênio vulgar conviviam simultaneamente. A partir do século X, o armênio clássico passa por processo de transformação, dando origem ao armênio moderno, (*ashkharabar: língua do povo*), que, por sua vez, apresenta-se como armênio oriental e armênio ocidental. O primeiro, falado nas províncias orientais da Armênia e o segundo, nas províncias ocidentais, como também no Reino Armênio da Cilícia, (*Kilikia*)⁶¹. Estas divergências fonéticas decorrem das circunstâncias regionais, o que é comum em muitos países, devido principalmente às desigualdades geográficas que dificultam os contactos regionais. Levando-se ainda em conta que São Mesrob tinha em mente resolver um problema sócio-político da Armênia, que era disputada por dois impérios, o persa e o romano. Um alfabeto que reuniu as circunstâncias regionais das diferentes regiões da Armênia oriental e ocidental conferindo-lhe unidade lingüística que, juntamente com a Igreja nacional, tornaram-se os responsáveis pelo surgimento da armenidade.

O surgimento do alfabeto armênio foi responsável por grande entusiasmo tanto nos ambientes popular como entre os intelectuais. A invenção do alfabeto contribuiu para separar para sempre os armênios das demais nações do Oriente e firmá-los em sua fé cristã, não mais usar os caracteres estrangeiros, como dos idólatras de Zoroastro. Foi o alfabeto que conservou o idioma e a literatura dos armênios, portanto, não desaparecendo como outros idiomas da Ásia ou sendo confundindo com os persas ou assírios⁶².

A recepção calorosa feita para São Mesrob pelo patriarca São Sahak, pelo rei Vramshapu, pelos dignatários e pelo povo, quando do seu retorno à então capital real da Armênia, Vagarshapat, não foi suficiente para que o alfabeto fosse implantado em

⁶⁰ “Aram, rei da Armênia, ordenou a todos os habitantes do país que aprendessem a fala e a língua armênia”. “O rei Vagarshak deu ao príncipe Bagarat o governo das províncias ocidentais (da Armênia) até as fronteiras limítrofes, onde cessa o idioma armênio”. (KHORENATSI, I, 14, p.75-77; II, 3,p.167 in KEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. p.92). “Todos eram da mesma fala”. (ESTRABÃO, XI, 14,5 in KEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. 92.

⁶¹ A partir do final do século XIV teve início a diáspora Armênia; o dialeto oriental continuou a ser usado na parte oriental do país, cujo centro é a capital Erivan e coletividades armênias da Rússia, Geórgia, Azerbaijão, Irã, Índia e Extremo Oriente; o dialeto ocidental em Constantinopla, colônias armênias da Europa, Oriente Médio, África e Américas.KHEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. p. 93-4.

⁶² SAINT MARTIN, T.v., Paris, 1826, p.320 in KEROUZIAN, Yessai Ohannes, op. cit. p.66.

todo o país. Naquela época a Armênia estava dividida em duas partes de influências. A Pérsia, que exercia sua influência política na região não se opôs ao uso do alfabeto recém criado, pois ele iria diminuir a influência da cultura grega na Armênia. A outra região, portanto, AO leste, estava sujeita À influência romana, isto é, bizantina, onde predominava o grego, não permitiu que se introduzisse o alfabeto, motivada por questões políticas e religiosas.

Desde a ascensão ao trono do rei Pap, os *catholikós* deixaram de ser sagrados em Cesaréia da Capadócia, convertendo-se a Igreja Armênia numa instituição nacional, independente, fiel às resoluções do Concílio de Nicéia. São Mesrob e discípulos abalaram-se para o leste. Naquela região pretendiam ensinar o novo alfabeto. Entretanto, o governador grego Anátolis recebeu-os cordialmente, porém, não permitiu a abertura de escolas onde se ensinasse a escrita armênia. Diante da situação, rumaram para Constantinopla, usando os meios colocados pelo governador. Naquela cidade foi hóspede do patriarca Ático e, após as festividades da Páscoa, foi recebido pelo *basileus* Teodósio, que lhe deu autorização para abrir escolas armênias, auxiliado às expensas do erário real. Era uma maneira de bem relacionar a Igreja Armênia com a Igreja Grega e diminuir a influência persa. A sua viagem resultou na integração nacional através da língua, juntamente com a Igreja. Graças aos seus esforços, foi possível conservar a língua e a cultura armênia nas duas regiões.

Coube ainda a São Mesrob a criação dos alfabetos dos georgianos e alanos, povos vizinhos que, unidos, formariam uma frente entre o leste e o oeste. A criação do alfabeto georgiano favoreceu a evangelização daquele povo e os alanos enviaram o emissário Eremia a São Mesrob para a criação do seu alfabeto, no que foram atendidos. O incentivo cultural realizado por São Mesrob naqueles países fomentou a literatura, mantendo assim a independência cultural destes três estados.

São Mesrop faleceu em 440, motivo de luto nacional, sendo seu cortejo fúnebre acompanhado pelos *nahkarars* à frente do mesmo, que o sepultaram na aldeia de Oshakan, não longe de Etchmiadzin, onde se construiu uma capela. Tornou-se centro de peregrinação do povo armênio e, em sua honra, o Dia da Cultura Armênia é celebrada no aniversário de sua morte⁶³.

⁶³ ARTZRUNI, Ashot. *História do Povo Armênio*, p.141.

A criação do alfabeto favoreceu grande desenvolvimento literário, desenvolveram-se as traduções e a literatura propriamente dita. Foi o surgimento do chamado *Século de Ouro* da literatura armênia devido à riqueza e à beleza das obras produzidas neste período.

O Século de Ouro

O chamado *Século do Ouro* (403-450) da literatura armênia aconteceu no século V, tendo como iniciador da literatura nacional São Mesrop. Seus discursos e sermões eram dirigidos ao povo, instruindo-o na moral cristã e foram traduzidos e escritos em alfabeto armênio. A atividade literária foi imensa. Os Evangelhos em língua assíria foram vertidos para o idioma armênio, logo corrigido de acordo com os originais gregos. Obras de autores gregos, sacros ou profanos, sobretudo os filósofos, foram também vertidos. Obras teológicas, morais e filosóficas, em língua assíria e grega, foram vertidas para o armênio. Naquela época alcançou fama em Roma o filósofo e orador armênio David o Invencível, nascido em Taron. Na cidade de Roma, levantou-se uma estátua em sua honra com a seguinte inscrição: *Regina rerum Roma, regi eloquentiae*⁶⁴.

A historiografia alcançou grande importância, fonte para estudar a história da Armênia e seus vizinhos. Os historiadores redigiam obras exaltando a Igreja, e os fatos que mostravam o valor do povo armênio, incitando-o o amor à Pátria, relatando os heróis. Foram os formadores, os forjadores da nacionalidade, defendendo sua fé e a sua Pátria. Os principais historiadores foram Koriun, Agthangelos ou Agthanguegos, Fausto de Bizâncio, Moisés de Khoren, Ieghishe e Lázaro de Pharpi.

Koriun é autor de *Feitos de Mashtots*, biografia de São Mesrop e história da origem da literatura armênia e seu alfabeto. Agthanguegos, autor da *História dos armênios*, relata a vida do rei Trdat III, de São Gregório o Iluminador e adoção da Armênia ao Cristianismo. Fausto de Bizâncio escreveu uma história da Armênia desde a morte de Trdat III até o ano de 392. Moisés de Khoren é considerado o *pai da história armênia*. Sua obra monumental é *História dos armênios* e compreende o período das origens da Armênia até a morte do *catholikós* São Sahak (439) e São Mesrop (440). Ieghishe narra a sublevação dos armênios contra os persas e a batalha de Avarai (451).

⁶⁴ IDEM. IBIDEM. “A rainha do mundo Roma, ao rei da eloquência”.

Lázaro de Pharpi redigiu a história da Armênia desde tempos remotos até a morte de São Sahak e São Mesrob.

A poesia mais antiga da literatura armênia, que se conserva até nossos dias, citado por Moisés de Khoren ou Khorentsi em sua obra *Historia dos Armênios*, refere-se ao nascimento do autor lendário *Vahag*, nascido das chamas produzidas ao confundir-se o céu, a terra e o mar. Venceu aos dragões e por tal fato recebeu o nome de *Vishapakagh* (vencedor de dragões)⁶⁵

O Século do Ouro conheceu um período denominado dos *Tradutores*, que aconteceu logo após a invenção do alfabeto. Essa época é marcada pelos trabalhos dos tradutores ou dos discípulos que colaboram com seus mestres São Mesrop, São Sahag, pois, eram conhecedores do alfabeto. Os mais conhecidos são Eznik, Koriun e Hovsep Pagnetsi.

Os *segundos tradutores* são aqueles que saíram das escolas, cujos mestres eram os anteriores tradutores, podendo ser citados Eghishé, Parbetsi, David chamado o Invencível, Jorenatsi e Hovhan Maminocian.

A maioria dos *tradutores* era subvencionada pela Coroa e completaram seus estudos religiosos e filosóficos nos grandes centros intelectuais da época: Constantinopla, Edessa e Alexandria⁶⁶.

A primeira tradução foi a Bíblia; até então, os textos utilizados eram as versões grega e siríaca. A tradução, conforme afirmado acima, foi do texto siríaco, refeita, posteriormente, pelo texto grego. A primeira frase, segundo o tradutor Goriun, foi: *para que aprendam sabedoria e conselho e para que entendam palavras judiciosas*, extraída do livro dos Provérbios de Salomão. Nascia assim a Bíblia armênia e com ela a literatura de um povo. O reputado biblista Georges Cuendet, da Universidade de Genebra, afirma que a tradução é *extraordinária sob todos os aspectos: obra prima original... Toda a literatura armênia posterior depende dessa fonte*, sendo denominada a *rainha das traduções*⁶⁷.

Os tradutores não verteram apenas a Bíblia Sagrada, POIS continuaram em seu afã de traduzir obras religiosas, teológicas, morais e posteriormente profanas, particularmente, os filósofos gregos. O ambicioso plano das traduções demonstra o

⁶⁵ IDEM. pp.141-3.

⁶⁶ THOROSSIEN, H., op. cit.p.68.

⁶⁷ SAPSEZIAN, Aharon, Cristianismo Armênio a fé viva de uma nação, p.34-5.

desejo de afirmar sua identidade cultural e, simultaneamente, manter a universalidade que caracterizará sempre o ethos armênio. O trabalho destes *Tradutores (Tarkmantchatz)* é celebrado pela liturgia da Igreja Armênia, comemorada todos os anos em outubro, mês da comemoração de sua cultura.

Obras traduzidas do siríaco: *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia, a coleção de *Discursos* de Apharaat, que em armênio tem o título de *Zgon (O Sábio)*; a *Carta de Abgar* de Lerubna, o *Comentário dos Livros Santos e a Concordância dos Evangelhos* de Santo Efrém, o *Catecismo de São Cirilo*, as *Cartas do patriarca Inácio*, o *Sermão sobre os mártires do Oriente* do bispo Maruthá, os doze primeiros capítulos do *Comentário de São João* por São João Crisóstomo⁶⁸.

Obras traduzidas do grego: a *Crônica de Eusébio*, o *Comentário sobre Mateus*, de São João Crisóstomo, o *Comentário das Epístolas de São Paulo* de São João Crisóstomo, o *Livro da Criação em seis dias* do patriarca Atanásio, os *Discursos* do bispo Severiano, o *Comentário do Pentateuco* de São Cirilo de Alexandria, a *Carta aos armênios* do patriarca Poclus, o *Livro dos oito pensamentos do Pecado*, *O Monge e sua Vida Prática*, e outros numerosos escritos de Evagro do Ponto⁶⁹.

Traduziram ainda os escritos filosóficos dos representantes intelectuais do mundo helenístico. Assim, a Igreja Armênia caminha para o acervo cristão ecumênico da época, entretanto, sem perder sua identidade. Após a tradução da Bíblia, os estudiosos iniciaram o preparo dos livros litúrgicos: Missa, Rituais do Batismo, a Confirmação, a Ordenação, o Matrimônio, A Consagração das igrejas e os Funerais, os Ofícios do Dia e do Calendário Eclesiástico. O patriarca São Sahak colaborou direta ou indiretamente nesta obra. A ordenação do Ritual da Igreja Armênia foi inspirada nas ordenações de São Basílio, portanto, na Igreja de Cesaréia da Capadócia. Entretanto, não fizeram tradução literal, pois São Gregório o Iluminador já havia transformado vários costumes nacionais e ritos pagãos em ritos cristãos. Com o passar do tempo, estes ritos enraizaram-se nos costumes nacionais. Entre eles, pode-se mencionar os *charagan*, hinos de estilo tão original que remontam Aos velhos cantos nacionais armênios E refletem ainda uma analogia com os hinos siríacos de Santo Efrém⁷⁰.

⁶⁸ IDEM. IDEM, p. 35.

THOROSSIAN, H. op.cit. p. 68.

⁶⁹ IDEM.IDEM. pp. 68-9.

SAPSEZIAN, Aharon, op.cit.p. 35.

⁷⁰ ORMANIAN, Maghakiá (Malaquias), op.cit. pp. 53-4.

O desaparecimento do *Século de Ouro* foi ocasionado pelas situações surgidas no relacionamento com o Império Persa, que desejava impor o Zoroastrismo em terras armênias; a falta de auxílio da Cristandade Bizantina em sua luta contra os inimigos seculares, o dogma cristológico vindo novamente à tona no Concílio de Calcedônia (451) e outros fatores foram vitais para apagar o brilhantismo do *Século de Ouro*.

A batalha de Avarair e o Concílio de Caldônia.

A batalha de Avarair foi uma reação contra o Zoroastrismo, que os persas desejavam impor à Armênia já cristianizada. A Armênia sempre viveu sob a influência ou de Bizâncio ou da Pérsia. O Cristianismo, já oficial naquele reino desde 301, passou a ter a simpatia do Ocidente, quando o Cristianismo também tornou-se a religião oficial de Bizâncio. Entretanto, alguns nobres armênios das regiões limítrofes com o Império Persa eram adeptos do Zoroastrismo.

No Império Persa, o Cristianismo também penetrou desde os tempos apostólicos, surgindo uma Cristandade numericamente razoável. Os soberanos persas viam naquela comunidade cristã aliados de Bizâncio, pois eram irmãos de fé, portanto, inimigos do Império Persa, que professava o Zoroastrismo. Os cristãos persas tinham admiração por Bizâncio, porém, a alegação era infundada. Perseguições aos cristãos persas começaram a surgir, entre elas a ordenada pelo *xá* Chabul ou Sapur II, entre 330-340. Milhares de cristãos foram martirizados, conforme fontes persas e armênias. O *xá*, não satisfeito com a perseguição interna, em 373 invadiu a Armênia com o objetivo de eliminar também os cristãos. Nesta invasão, prometendo cargos e benesses, teve auxílio de príncipes armênios, entre eles OS das regiões de Pejnuni, Agh'dzni. Os exércitos persas invadiram a Armênia e as lutas foram intermináveis, sobressaindo as figuras do *catholicós* Vertanés e do príncipe Vatché Mamigonian.

Em 440 o *xá* Hasguerde II, pressionado pelos magos persas, determinou a imposição do culto do Zoroastro ou Zaratrusta como religião oficial em seu Império e na Armênia. Os armênios concordaram com dominação civil persa, porém, não aceitaram a imposição religiosa. Em 451 surgiu um conflito armado, que aniquilou ou expulsou 700 sacerdotes de Zoroastro. Feriu-se, posteriormente, no campo de Chavarchand, a batalha de Avarair, às margens do rio D'gmund (Delmut), em 26 de

maio de 451. A derrota armênia deu origem Às guerrilhas que hostilizavam o domínio persa.

Balashe, o novo soberano persa, assinou o tratado de Nevarsague (484) com os nobres e governadores armênios, firmando a paz que é considerada a Magna Carta da Armênia. Concedia-se liberdade de fé aos armênios E reconheciam-se as prerrogativas das famílias feudais. Vartan Mamigonian recebia o cargo de governador ou *marzban* da Armênia, que exerceu até 505. Nevarsague é o triunfo, é a recompensa de Avarair: a nação sacrificou-se pela sua fé e sua liberdade.

Enquanto os armênios lutavam pela sua fé e independência em relação ao Império Persa, reuniu-se o Concílio de Calcedônia (451), pois, as questões cristológicas continuavam a atuar na Cristandade. Os concílios de Nicéia (325), Constantinopla (381) e Éfeso (431) não conseguiram resolver definitivamente As questões que abordavam sempre a natureza humana e divina de Jesus Cristo. A Igreja Armênia não se fez representar naquele concílio, pois estava empenhada em defender a Cristandade e a sua independência política. Sua hierarquia não aceitou as decisões do Concílio de Calcedônia e foi considerada uma Igreja monofisita pelas Igrejas Grega e Latina.

“A solução encontrada por Mesrob era certa e deveria garantir, para a nação, a intangibilidade de sua alma e assegurar-lhe uma reserva de força para os dias vindouros. Os fatos não tardariam a confirmar a sabedoria da medida. Passado mesmo os limites, colocou a religião a par com a nacionalidade, fazendo da Igreja um sinônimo da escola e desta a trincheira para sobrevivência nacional”⁷¹.

Bibliografia

- ALÉM, Jean Pierre. **A Armênia**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
- ARTZUNI, Ashot. **História do Povo Armênio**. São Paulo, Comunidade da Igreja Apostólica Armênia, 1976.
- GÊNESIS, 8:4. **Bíblia Sagrada**. São Paulo, Edições Loyola, 1983.
- KARIBIAN, Datev. **Ecos Ressonantes**. São Paulo, Diocese da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, 2008.

⁷¹ KHEROUZIAN, Yessai Ohannes, op.cit. p. 39

- KECHICHIAN, Hagop. **O Cristianismo e o Alfabeto fatores de preservação da integridade e da identidade cultural nacional Armênia.** Dissertação de mestrado-São Paulo, Departamento de História F.F.C.H. USP, 1983.
- KEROUZIAN, Yessai Ohannes. **Origens do alfabeto Armênio.** Tese de doutoramento. São Paulo, Departamento de História F.F.C.L. USP, 1970.
- KHAZINEDJAN, Albert. **A Igreja Apostólica Armênia Imagem moderna e viva da Igreja Primitiva.** São Paulo, Igreja Apostólica Armênia, 1987.
- NERSESSIAN, Sirarpie Der. **Os Armênios.** Lisboa, Editorial Verbo, 1973.
- ORMANIAN, Maghakiá (Malaquias). **A Igreja dos Armênios.** São Paulo, Diocese da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, 2003.
- SAPSEZIAN, Aharon. **História da Armênia.** Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra S.A., 1988.
- THOROSSIAN, H. **História de la Literatura Armênia.** Buenos Aires, Organización Juvenil de la Iglesia Armênia, 1959.